



O CONTEXTO POLÍTICO NA ÉPOCA DO NOVO TESTAMENTO: UMA ANÁLISE DOS PRINCIPAIS GRUPOS

Ulicélio Valente de Oliveira ³⁹

Resumo

Estudar os acontecimentos ocorridos no período do primeiro século da nossa era é essencialmente relevante e demasiadamente necessário dado em conta que os eventos narrados nos Evangelhos Sinóticos lastram a realidade da época e, que isso, não pode ser desconsiderado pelos leitores e estudantes das Sagradas Escrituras. Destarte, é de suma importância entender o contexto social da Palestina, antes, durante e depois do ministério do nosso Senhor Jesus Cristo, especialmente o que estava acontecendo na região da Galileia.

Palavras-chaves: Evangelhos Sinóticos. Palestina. Galileia.

Abstract

Studying the events that occurred in the period of the first century of our era is essentially relevant and extremely necessary given that the events narrated in the Synoptic Gospels reflect the reality of the time and that this cannot be disregarded by readers and students of the Holy Scriptures. Therefore, it is extremely important to understand the social context of Palestine, before, during and after the ministry of our Lord Jesus Christ, especially what was happening in the Galilee region.

Keywords: Synoptic Gospels. Palestine. Galilee

³⁹ Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com.

Introdução

Quando lemos os evangelistas, especificamente o Sermão do Monte relatado por Mateus, não nos damos conta do pano de fundo por trás da mensagem do Mestre. Jerusalém era uma metrópole na época, o berço da teologia judaica, no entanto Jesus tinha uma vida bem diferente dos moradores cosmopolitas, não foi um homem urbano, passou grande parte de sua vida no meio dos camponeses judeus nos arredores da Galileia dentre às aldeias. A Galileia “era claramente uma sociedade camponesa”. (Horsley, 1995, p. 21).

Os documentos apócrifos de Macabeus que contam as narrativas da revolta desse povo e do terror vivido na palestina, juntamente com os escritos do historiador Flávio Josefo, que viveu no primeiro século da era cristã evidenciam com mais propriedade essa época do que qualquer outra fonte escrita. (Packer, Tenney, White Jr., 2006, p. 9).

1 - O contexto político geral da época do Novo Testamento

Jesus atuou principalmente na região da Galileia, especificamente entre o Mar Mediterrâneo e o conhecido Mar da Galileia (que, na verdade, pode ser considerado um lago pelo seu tamanho), que ficava aproximadamente a 200 metros abaixo do mar Mediterrâneo. (Mack, 2014, p. 28). Jesus não passou a maior parte do tempo na cidade metropolitana de Jerusalém, na verdade, foi apenas o final do seu ministério terreno, uma semana talvez.

A Galileia, região muito conhecida pelos relatos bíblicos e por fazer parte da vida e dos ensinamentos de Jesus e também do seu povo, possui uma história marcada pela opressão e dominação estrangeira. No entanto, nem sempre foi assim

em sua realidade existente, houve uma época em que o povo gozava de liberdade. Segundo Horsley:

Tanto as tradições bíblicas hebraicas como a literatura judaica recente apresentam o povo da Galiléia como ardentemente independente. Esse povo precisava ser assim, pois um soberano estrangeiro após o outro assumiria o controle da região e determinava sua vida e sua geografia”. (Horsley, 2000, p. 23-24).

Não são apenas documentos recentes que apontam que a Galileia era independente, outros documentos antigos também destacam esse ponto importante. Destarte, o destaque que se dá sobre a vida na comunidade galilaica está extremamente relacionado com a agricultura, o trabalho e a terra. As formas e as superfícies terrestres da região galilaica era o fator que determinava o seu aspecto político geográfico. (Horsley, 2000).

A Galileia tinha uma geografia que facilitava o trabalho com o campo e com atividades marítimas. “Os moradores daquela região fértil viviam daquilo que a terra e a água lhes davam”. (Mack, 2014, p. 28). Donner, inclusive nos informa que não era apenas a Galileia que vivia dessa forma, mais toda a palestina: “Os habitantes da Palestina viviam até há meio século quase que exclusivamente da agricultura e da pecuária”. (Donner, 1997, p. 52). Apesar de existirem outras profissões na época, certamente os habitantes da palestina se dedicavam majoritariamente a atividade agrícola. Eles trabalhavam com a terra de diversas formas e criavam animais. O agricultor vivia do trabalho no campo e habitava “em moradias fixas de tijolos de barro [...]”. (Ibidem, p. 52). Donner detalhadamente destaca que o morador palestinese:

Dedicava-se predominantemente à agricultura, ao cultivo de lavoura e horta: cereais, vinho, verduras e frutas. Mas com frequência [sic] também se dedica à criação de gado: sobretudo gado bovino, em menor escala animais de pequeno porte (ovelhas e cabras), aqui e acolá algumas aves. (Donner, 1997, p. 52).

Os moradores da palestina eram agricultores, pessoas do campo, trabalhavam com a terra, plantavam e cultivavam o que a terra produzia, além de agricultores eram envolvidos na pesca, e isso explica bem as parábolas de Jesus e também os acontecimentos em torno do Mar da Galileia. (Mack, 2014, p. 28). Esse lago é cenário de umas das mais fascinantes histórias bíblicas, entre tantas outras, que foi quando o Mestre Jesus acalmou a tempestade depois de ter sido acordado por seus discípulos.

Existiam muitos conflitos abarcando os camponeses, não que eles fossem de fato os causadores, mas os que sofriam, uma vez que eram socialmente desprovidos e os ricos queriam controlá-los de alguma forma. “Os ricos e poderosos tendem a usar e abusar do seu poder de maneira prejudicial e injusta para os camponeses. Os produtores rurais desenvolvem hostilidades e ressentimentos que fazem com que os poderosos tenham que os pobres se vinguem”. (Horsley; Hanson, 1995, p.22). Trazendo para a nossa realidade, as pessoas do campo trabalham e vivem da terra em sua grande maioria, salvo dos que trabalham com o comércio a partir da agricultura, cultivando o que plantam e exportando para diversas regiões, certamente, não é uma realidade completamente distinta da estação da Palestina no que diz respeito ao seu modo de vida agrícola.

Interessante o que Horsley e Hanson (1995) falam sobre como era a distribuição social de ricos e pobres na Palestina judaica, o que nos

ajuda a entender o porquê de tantos conflitos envolvendo essas duas classes sociais em que consistiam de pobres em sua grande maioria. Eles dizem que “tal estrutura, quando mais de 90 por cento são camponeses dominados por uma pequena minoria, está sujeita a tensões quase inevitáveis que não são um fator maior no seu desenvolvimento histórico”. (Horsley; Hanson, 1995, p.22). Entendemos com isso que apenas 10 por cento da população tinha uma vida abastada, 10 por cento que dominavam a grande massa o que permitia um controle muito grande sobre o modo de vida das pessoas.

1.1 O contexto imediato

Quando a era do Antigo Testamento acabou, os Persas, que eram um potente império nesse período, estavam no domínio de Jerusalém e da região da Judeia. (Köstenberger; Kellum; Guarles, 2022, p. 105). Como informaram os autores Packer, Tenney e White: “O Antigo Testamento encerra-se com o Império Persa ainda no poder”. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 9). Portanto, quando começou a era Neotestamentária, Roma já dominava a região. Para se ter uma compreensão do momento histórico político e religioso da época do NT, é preciso saber o contexto histórico dos fatos e episódios que levaram a esse cenário vigente do NT. No período em que não houve profeta em Israel, entre Malaquias e o ministério de Joao Batista, ficou notório como período intertestamentário, ou silêncio, cerca de 400 anos a.C. até o início da era crista. (Köstenberger; Kellum; Guarles, 2022, p. 105).

O período intertestamentário foi um período de alterações radicais em ambientes culturais, em questão de produção literária, mudanças nos cenários políticos e, obviamente, em aspectos religiosos também. Por isso é salutar conhecer os grupos políticos e religiosos desse período.

1.1.1 O Império Babilônico

O mais conhecido e poderoso rei do Império Babilônico foi “Nabucodonosor”⁴⁰, que, de forma estratégica e peculiar, sobrepunha o Império Assírio e com isso foi o grande responsável por levar a derradeira caravana de judeus para o exílio (605 a.C.) na Babilônia. “Entre eles estavam Daniel e seus amigos (Daniel 1:1-7). (López, 2023). Nabucodonosor, inteligentemente, fez um cerco em Jerusalém por um período de aproximadamente dois anos, e colocou abaixo no ano de 586 antes de Cristo o templo de Salomão, e, nesse ínterim, começa os 70 anos do cativeiro babilônico, esse império, babilônico, que por sua vez iria enfrentar o já iminente Império Medo-Persa. (López, 2023).

O profeta Daniel presenciou o reino ser esquecido e ser substituído pelo Império Medo-Persa. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 9). E é exatamente durante esse período de governo do poderoso Império Persa, que começa o período do silêncio. (Gundry, 2011, p. 28).

1.1.2 O Império Medo-Persa

Depois que conquistou a Babilônia em 539 a.C., Ciro libertou os judeus do longo e extremamente difícil cativeiro babilônico, o que fez com que eles pudessem se reorganizar novamente como nação. (Gundry, 2011, p. 28). Durante o período de cativeiro babilônico, o povo passou por mudanças estruturais que afetaram o seu modo de compreensão social e política, alterando seu modo de vida.

Diferentemente dos babilônicos, que levaram para o cativeiro o povo judeu e queriam implementar uma religião oficial, os persas

permitiram não apenas a volta do povo judeu para a sua terra, como deram a eles a liberdade de cultuarem o Senhor e viverem conforme os seus costumes. Isso motivou o povo e fez com que eles reconstruíssem os muros da cidade santa, ou seja, Jerusalém, e também o templo. (Horsley; Hanson, 1995, p.22). A cidade de Jerusalém como um todo passou por mudanças significativas por causa da política de favorecimento desse império.

Os persas adotaram uma política de restauração das aristocracias locais e chegaram a enviar a aristocracia real e sacerdotal judaica que haviam sido exilados para trabalharem na reconstrução do Templo na famosa cidade de Jerusalém. A Galileia que passou a ser dominada por estrangeiro não formou uma classe aristocrática devidamente nativa para governar, em vez disso eram governados e tributados por soldados imperiais. (Horsley, 2000, p. 30).

Veja o que diz Lohse (2000) sobre isso:

Em face dos povos estrangeiros mantidos sob seu domínio, os persas adotaram uma política diferente de seus antecessores, os assírios e babilônicos. Estes, depois da conquista, trasladavam povos inteiros ou, pelos menos, deportavam a classe alta; impunham seu culto e sua religião a todos os lugares. Os persas, ao contrário, não forçaram mudanças populacionais, nem exigiram o reconhecimento de uma única religião de Estado para todos. Mas ligaram sua política à situação local. Admitiram a conservação das peculiaridades étnicas e permitiram a continuação da vida tradicional dos povos. (Lohse, 2000, p.12)

⁴⁰ Na Bíblia encontramos diversas menções referente a esse nome, basta ler os livros de 2 Reis, 2 Crônicas, Jeremias e Daniel que encontraremos.

Como bem observa Koester: “os governantes persas [...] não impunham sua cultura aos povos que conquistavam nem exigiam que seus súditos adotassem a religião [...] ou prestassem culto ao rei”. (Koester, 2005, p. 6). Os persas adotaram uma política que deixava o povo à vontade para viver conforme a sua tradição, à sua maneira. “A política oficial dos persas era permitir o povo deslocado voltar para as terras de seus pais”. (Hale, 2001, p. 10). Isso trouxe um caminho de volta às origens e possibilitou a retomada de reconstrução da identidade do povo judeu que prezava pela tradição de seus pais. Em suma o Império Persa deixava o povo viver conforme eles queriam, dentro de suas particularidades.

Os judeus gozavam de liberdade religiosa e cultural durante esse período, pois “até o fim do império persa, houve pouca pressão cultural, menos ainda coerção política, e os judeus podiam viver segundo as tradições mosaicas”. (Horsley; Hanson, 1995, p.28). Mas nem tudo ocorreu de forma benéfica para o povo, com essa política de liberdade ao povo, houve segregação entre eles, fazendo com que a população fosse representada por uma minoria que iria fazer valer o poder.

Com a reconstrução do templo, a liderança religiosa e civil do povo tradicional judeu se concentrava no templo, os sumos sacerdotes então passaram a administrar o governo e a figura do sumo sacerdote passou a ser vista como o representante da sociedade judaica. “No fim do Império persa, o sumo sacerdote era reconhecido como o representante político e econômico, bem como chefe étnico e religioso dos judeus”. (Horsley; Hanson, 1995, p.27). Com isso, houve certamente muitos interesses envolvidos os quais culminariam com a formação de uma classe diferente, separada e casta, contrária a formação tradicional do povo judeu.

Com isso, a classe sacerdotal perpetuou no poder controlando as ações do templo e fazendo com que o povo vivesse em função da dedicação ao culto como era antes, no entanto, os sumos sacerdotes, em posse dos bens da religião, fizeram com que o povo fosse controlado por eles, não só ficaram cada vez mais poderosos, mas principalmente ricos. (Horsley; Hanson, 1995, p.27). “A direção do povo judeu estava nas mãos do sumo sacerdote, que podia ordenar e administrar os interesses judaicos, com a aprovação do soberano helenísticos”. (Lohse, 2000, p. 18).

Isso tudo não mudou muito com o governo grego e romano, o interesse talvez fosse outro, por isso as pessoas continuaram vivendo de acordo com suas práticas religiosas e costumes culturais. O modo de vida tradicional do povo não era a questão em jogo, pois durante o governo grego, a Galiléia pouco sofreu nesse sentido. “Os galileus não tiveram nenhuma ameaça ao seu tradicional modo de vida[...]”. (Horley, 2000, p. 31). Contudo, a grande questão é que o povo deixou de ser governado diretamente por um governo imperial e passou a ser governado por um representante do governo, que passou a controlar as ações, permitindo sim o estilo de vida deles, mais controlando tudo para perpetuarem no poder e se beneficiarem da passividade do povo que se importava mais com a estilo de vida do que com o poder. O período grego é importante para entender o Novo Testamento de forma geral, por isso se faz necessário ter uma visão abrangente desse período.

1.1.3 O Império Helenístico

Logo na introdução do livro: “O Mundo do Novo Testamento”, Packer; Tenney; White, 2006) salientam que “os gregos e seu programa de helenização lançaram a base para cultura da era do Novo Testamento”. (p. 5). Inúmeros

conflitos e batalhas históricas que ocorreram na época de Jesus e da igreja foram oriundas da administração política do grande Alexandre e de seus brilhantes e ousados sucessores.

Felipe da Macedônia, pai de Alexandre, foi assassinado, antes disso, alastrou o governo em toda a Grécia e estava se aquecendo para enfrentar a Pérsia, até então soberana na região. Com sua morte precoce, seu jovem filho Alexandre assumiu seu lugar, que, em sua tenra idade exterminou o domínio Persa. Durante o governo persa, Alexandre cresce poderosamente formando um vasto império capaz de enfrentar todo e qualquer exército, por mais numeroso que fosse. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 9).

Alexandre assumiu o governo com apenas 20 anos de idade, governou durante 12 anos, no alto de sua juventude e de sua carreira como líder grego, com apenas 32 anos de idade morreu na Babilônia. Antes disso, fortaleceu seu império, primeiro no Reino da Macedônia, onde nasceu, depois conquistou a Síria, a região da Palestina, o Egito e claro a Pérsia. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 10). Hale (2001, p. 12) menciona que Alexandre morreu no ano 323 a.C., exatamente com 32 anos.

Claramente fica evidenciado o curto período de governo de um dos grandes líderes da humanidade, porém extremamente eficaz em suas conquistas. Hale (2001) comenta que mais que um líder militar, sua fama se dá mais por conta de sua diplomacia como estadista, pois ele era um grande articulador e foi o grande responsável pela união do que conhecemos hoje como Meridiano Greenwich, ou seja, uniu o oriente e o ocidente, os hemisférios oeste e leste, o nascente e o poente, o que deu abertura ao comércio. Os efeitos de Alexandre foram tão impressionantes, que até hoje podemos sentir a influência dele, pois entre suas grandes

conquistas encontra-se a influência exercida pela língua grega, que na época tornou-se o idioma usado tanto no comércio como na diplomacia. (Gundry, 2011). Hale (2001) faz um comentário que eleva a língua grega em um patamar diferenciado, se comparado com qualquer outro idioma na história, pois por meio “[...] da propagação do idioma grego, a língua franca, o mundo capacitou-se para a comunicação”. (p.12).

Destarte, a influência da cultura grega derrubou os muros que separavam as pessoas, rescindiu as barreiras sociais, raciais e nacionais. (Hale, 2001) Quando nos perguntamos o motivo pelo qual o Novo Testamento foi escrito em grego eis a resposta, obviamente, podemos afirmar que até a América sofreu forte influência da língua grega uma vez que provavelmente o latim derivou do grego e deu origem a inúmeros idiomas, inclusive o português.

1.1.4 O Império Ptolomaico

Com a morte de Alexandre, diferentemente do que acontece logo após a morte de seu pai em que ele assume o seu lugar, seu reino ficou sem sucessor já que ele não tinha um herdeiro para assumir seu lugar. Seu vasto império foi dividido entre seus principais diádocos, porém apenas “Ptolomeu e Seleuco I, envolver-se-iam no governo da Palestina”. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 10).

Foi durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo, então soberano na Palestina e Egito, que a Bíblia hebraica foi traduzida para o grego, que ficou conhecida como Septuaginta (LXX). Como o grego era a língua franca da época, a LXX poderia ser lida em todo o império e, a cidade de Alexandria foi o local onde foi trabalhada a versão do hebraico para o grego. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 10).

Como apenas cinco anos de idade, Ptolomeu Epifânio assumiu o governo ptolomaico depois da morte do seu pai. Foi exatamente nesse momento que Antíoco, o grande, que governava sobre a Síria e que já havia sido derrotado em uma outra oportunidade pelo pai de Epifânio, aproveita para dominar a Palestina. “A política dos Ptolomeus era conceder aos judeus direitos civis iguais aos macedônios”. (Hale, 2001, p.12). O processo de helenização nesse período se deu de forma progressiva e pacífica, não houve guerras e tumultos, as dispersões, por exemplo, aconteceram de forma voluntária e sem perseguição por conta disso. (Hale, 2001).

1.1.5 O Império Sírio

O governo Sírio foi implacável, um governo de terror para os judeus, um pânico total, um verdadeiro banho de barbárie, Antíoco Epifânio administrou de forma atroz e com isso “teve início uma das mais sombrias épocas da história judaica”. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 11). Antíoco Epifânio desprezava a religião e a cultura judaica, tanto é que chegou a oferecer um suíno, animal considerado imundo para os judeus, em sacrifício no Santo dos Santos, lugar sagrado para o povo, além disso, os cultos foram proibidos assim como todos os sacrifícios. No lugar dos ritos judaicos os cerimoniais pagãos foram tomando espaço, mais do que isso, a circuncisão passou a ser proibida e um simples trecho da Lei em posse de algum judeu passou a ser crime, inclusive poderiam ser punidos com a morte. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 11). “A pena por se ter uma cópia da lei e praticar-se a circuncisão era a morte. Qualquer observância do sábado foi declarada ilegal”. (Hale, 2001, p. 13-14)

Obviamente que os judeus resistiram e não temiam a morte, por exemplo, um homem

foi morto pelo simples fato de se recusar a comer carne de porco; uma mãe, juntamente com os seus sete filhos tiveram a língua e todos os dedos foram cortados e jogados em uma panela fervendo; outros morreram por não renunciarem ao sábado judaico. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 11).

Isso tudo se faz necessário compreender dado em conta que, quando o povo de Israel se originou como povo, havia plena liberdade, não existia um governo que os controlavam, na verdade, eles saíram da escravidão e se tornaram um povo livre, libertos do domínio estrangeiro. (Horsley; Hanson, 1995, p.24). Isso, certamente nos ajuda a compreender bem a revolta da família hasmoneia que foi um momento de revolta do povo ao domínio de um governo estrangeiro.

A memória afetiva era um ponto importante na história do povo judeu. Certamente, as gerações que vieram depois dos primeiros camponeses sabiam da importância e da alegria de serem livres, pois tinham registrados as conquistas do seu povo, não apenas poderiam ouvir as histórias das conquistas, poderiam lê-las também nos rolos. Essa memória e registro fazia muito sentido para eles, pois viver em um governo teocrático, no qual havia a justiça social e todos viviam de modo igualitário, era ser verdadeiramente livre. (Horsley; Hanson, 1995, p.24-25). É nesse contexto que surge os Macabeus, que resistiram fortemente aos decretos de Epifânio.

1.1.6 A Era dos Macabeus

A forte perseguição ao povo judeu e a violência que os selêucidas impuseram a eles, foi o limite para que eles se rebelassem, a obrigação de seguir as práticas pagãs fizeram com que os judeus mais conservadores, chamados de

“hasidim”⁴¹ se revoltassem. Em uma pacata vila pacificada, chamada Modim, localizada na região da Judeia, a qual estava sob a dominação do Império Selêucida, os hasidim se rebelaram com a chegada dos emissários do rei. Ali, um enviado de Antíoco tentou obrigar Matatias a oferecer o sacrifício pagão, era um sacerdote de idade bem avançada, um líder que veio de Jerusalém e por isso deveria ser o primeiro a fazer o sacrifício, demonstrando assim a lealdade ao rei. Mas, o sábio e experiente sacerdote recusou-se a fazê-lo; foi além, matou o agente real, destruiu o altar idólatra e foi esconder-se na região montanhosa de Judá, levando consigo seus cinco filhos. Alguns simpatizantes dispostos a lutar resolveram segui-los. O ano era 167 a.C. quando iniciou a Revolta Macabéia, e claro, Matatias, que era o chefe, juntamente com a sua família estavam na liderança. Essa família era conhecida como Amoneus por causa de Asmom que era o bisavô de Matatias. (Gundry, 2011, p. 35)

Matatias era opaidastirpedafamíliasacerdotal e se recusou obedecer a um emissário de Epifânio, frustrando todo e qualquer plano do rei selêucida, que queria que ele adorasse os deuses pagãos, levando certamente outros a também adorarem. Contudo, Matatias não só se recusou, mas demonstrou através do seu ato corajoso de tirar a vida do enviado que não se submeteria a qualquer governo cujo rei não fosse enviado da nação judaica, dando início a famosa dinastia macabeia. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 11-12).

Lohse (2000) traz um detalhe interessante a esse fato, pois, segundo ele, um judeu aceitou oferecer o sacrifício que o inspetor real estava

obrigando a fazer, e dado a isso, o já calejado chefe da família asmoneia não só matou o afrontoso inspetor como o imoral judeu que, querendo agradar o agente real, aceitou fazer tal ofensa. (Lohse, 2000, p. 21)

Esse grupo helenístico, ou seja, os selêucidas, seguiu fielmente o projeto de Alexandre de helenizar o mundo. A exploração econômica e de cultura imperialista acabou provocando uma revolta da população conservadora. O povo judeu viu o seu modo de vida tradicional ser ameaçado, até mesmo a elite sacerdotal se corrompeu cultural, religiosa e politicamente. (Horsley; Hanson, 1995, p.28). Ao se revoltarem, os judeus piedosos que clamavam por justiça influenciaram e convidaram outros camponeses a fazerem parte do grupo, com isso muitos que tinham sede e fome de justiça se uniram a eles que passaram a viver na região desértica⁴².

O primeiro líder desse grupo de guerrilheiros foi Judas “Macabeu”⁴³. “Judas tornou-se guerreiro hábil, respeitado por seus amigos e temido por seus adversários”. (Lohse, 2000, p. 21) Judas Martelo era um líder ousado a ponto de atacar os sírios que ao serem ameaçados se sentiram forçados a contra-atacar. Como Judas se sentiu ameaçado pela Síria, pediu ajuda para os romanos, entretanto, antes da chegada de socorro romano, ele foi morto em conflito, seu irmão Jônatas ficou no seu lugar e logo tornou-se general da Judéia. Simão, que também era irmão de Judas, assumiu o lugar de Jônatas logo após a morte dele e, assim como Judas, recorreu ao socorro romano que o fez chefe de estado na Judéia e desde então o trono passou a ser atávico, ou seja, hereditário.

⁴¹ A palavra Hasidim é um termo que traz a ideia de devoção ou piedade, que por sua vez, se direciona para aqueles que vivem debaixo de uma norma, ou seja, pessoas devidamente dedicadas a lei (cf. HORSLEY; HANSON, 1995, p. 35).

⁴² Isto está relatado em 1 Macabeus 2.27-31.

⁴³ Esse apelido foi dado a partir de Judas, que ficou conhecido como Judas Macabeu, esse nome acrescido significa martelo (cf. GUNDRY, 2008, p. 35). Lohse concordando com o significado diz que esse termo deriva do aramaico makkaba que significa martelo (LOHSE, 2000, p. 21).

Interessante é que na era dos macabeus, tantos os fariseus quanto os saduceus eram rivais. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 12-13).

1.1.7 O Império Romano

Roma, assim como a Grécia, é o berço da cultura ocidental, o mais vasto império já visto. O primeiro reinado em Roma se deu por um triunvirato que uniu Pompeu, que tomou Jerusalém de Aristóbulo e colocou Hircano no trono depois da morte de João Hircano, Crasso e Júlio César que logo se tornou o líder máximo da nação. Contudo, depois da morte de Júlio César houve um novo triunvirato, dessa vez governado por Otávio, Marco Antônio e Lépido e foi nesse triunvirato que qualquer papel de liderança macabeia terminou com a morte de Antígono. (Packer; Tenney; White, 2006, p. 13).

Roma teve uma política de governo parecida com as dos persas, pois deu ligeira liberdade aos povos conquistados. Roma permitia que cada país tivesse seu próprio rei, todavia, mantinha em cada país o seu governador ou o que lemos na literatura de procônsul. Além de tudo isso, Roma dominava de uma forma que tudo era controlado e possuía um corpo de publicanos para arrecadar os impostos. (Toginini, 2009, p. 131)

João Hircano, ao conquistar os povos vizinhos da Judeia, mandou os Idumeus embora de Jerusalém. Eles já estavam familiarizados com o local, inclusive se tornaram judeus depois que aceitaram o rito da circuncisão, também circulavam sem qualquer problema em Jerusalém, inclusive tinham privilégios especiais. (Toginini, 2009, p. 132)

Nesse cenário surge Antípater, um indomel ambicioso e inteligente, que, aproveitou o clima ruim e de grande briga pelo poder entre irmãos

Hircano II e Aristóbulo II, para crescer e criar um ambiente político favorável a ele. Como era extremamente estrategista, aproveitou para usar tudo ao seu favor, seu objetivo era dominar a Judeia. Aproveitou-se de Hircano II, para subir ao poder, Aristóbulo usurpou o trono de Hircano que teve apoio irrestrito de Antípater, que queria a retomada de Jerusalém para às mãos de Hircano. Jerusalém, cidade de disputa entre os descendentes da família asmoneia, estava novamente nas mãos de Hircano E, tudo que Antípater queria, pois ele e seus quatro, passam a serem mais poderosos. Antípater era astuto, sabia perfeitamente fazer alianças políticas. (Toginini, 2009, p. 132-133)

Depois de apoiar Hircano II, Antípater deu apoio a César na conquista do Egito, César, por sua vez, considerou a amizade a tal ponto que o nomeou procurador geral da Judeia, algo que ele já lutava pra conquistar a bastante tempo, já Hircano II ficou apenas como etnarca da Judeia. Dessa forma, a dinastia asmoneia estava chegando ao fim, sendo que o crescimento da dinastia Idumeia estava indo em uma crescente. (Toginini, 2009, p. 133)

Antípater tinha cinco filhos, quatro homens e uma mulher. O que nos interessa estudar sempre está relacionado com a região da Judeia e Galileia, e sobre isso, Toginini (2009) disse que: Antípater “nomeou Fasaél para o trono da Judeia, e Herodes, com apenas 15 anos, governador da Galiléia”. (Toginini, 2009, p. 133) É crucial para nós entendermos o governo de Herodes, o grande, pois, na época do nascimento de Jesus, ele governava, inclusive foi ele que mandou matar todas as crianças com receio da ascensão de um rei poderoso.

Herodes, desde que assumiu, mostrou ser um déspota, comandou de forma cruel a Galileia.

Não teve qualquer respeito pelos judeus, suas leis foram interpretadas à luz de sua força mental. O sinédrio, grupo político e religioso na época de Jesus viveu em pé de guerra com Herodes, pois para o comando máximo do judaísmo o seu governo era autoritário e não julgava de acordo com a lei judaica. Foi nesse contexto que “Os hasmonianos foram derrotados completamente em 37.a.C.” (Toginini, 2009, p. 134-135)

Considerações finais

Conforme verificamos, os grupos políticos na época de Jesus ajudam a compreender o contexto no qual Ele estava inserido. Cada grupo teve seu ponto culminante na história o que nos leva a conhecer bem de perto essa realidade. Os fariseus, saduceus, herodianos, zelotes e essênios, seguidores de João e etc. não entenderam ou não quiseram entender a mensagem de Jesus. Eram grupos que queriam unir uma postura humana egocêntrica a padrões espirituais, viver de acordo com suas ideias e práticas religiosas, além interpretar a lei de acordo com suas perspectivas e interesses. Hoje, muitos ainda vivem como se pertencessem a algum grupo político partidário. Nossa missão e interesse é viver de acordo com a palavra de Deus e ser governado e orientado por Ela. Sem dúvida, o mundo em que se vive é extremamente político, interesseiro e egocêntrico, os interesses políticos muitas vezes falam mais alto, por isso entendemos que conhecer, estudar e analisar os grupos políticos na época de Jesus nos ajuda a ter uma comparação com o que temos vividos nos últimos tempos e, assim, perceber que o nosso governo não tem nada a ver com esse mundo. Esperamos que esse trabalho ajude muitos leitores a compreender melhor o que se passava na época de Jesus.

Referenciais bibliográficos

BO, Reicke. História do Tempo do Novo Testamento: o mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C. Tradução de João Anibal e Edwino Royer. Santo André/SP: Academia Cristã; Paulus, 2012.

DONNER, Hebert. História de Israel e do Povos Vizinhos. v. 1. Dos primórdios até a formação do Estado. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento. Tradução de João Marques Bentes, Fabiani Medeiros e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HALE, Broadus David. Introdução ao Estudo do Novo Testamento. Tradução de Cláudio Vital de Souza. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORSLEY, Ricard A. Arqueologia, história e sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2000.

HORSLEY, Richard A.; HANSON. John S. Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.

KOESTER, Helmut. Introdução ao Novo Testamento, v. 1. História, cultura e religião do período helenístico. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. Introdução ao Novo Testamento: a Manjedoura, a Cruz & a Cora. Tradução de Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.

LOHSE, Eduard. Contexto e ambiente do Novo Testamento. Tradução de Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção: Bíblia e história)

LÓPEZ, Nimrod. O que aconteceu entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento? Tradução: Lea Meirelles. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/o-que-aconteceu-entre-o-antigo-testamento-e-o-novo-testamento/>. Acesso em: 14 de agosto de 2023.

MACK, Ulrich. Curso Bíblico SBB. Tradução de Irene Reinhold e Silvia Reinhold Timm. 1. ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merril C.; WHITE JR., William. O mundo do Novo Testamento. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vida, 2006.

TOGININI, Enéas. O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético. São Paulo: Hagnos, 2009.